

Instabilidade em glaciares da Antárctida

Journal Reconquista (Portugal)

Costa Alves

February 27, 2009

Um quarto dos 14 mil quilómetros quadrados da plataforma Wilkins fragmentou-se e despenhou-se no Oceano Antárctico. Uma equipa de investigação oceanográfica presente na região considera que está iminente o desprendimento completo da placa com uma área semelhante à do Algarve e Baixo-Alentejo juntos. A sua destruição não terá efeito directo na subida do nível dos oceanos, visto que é flutuante, mas existe o perigo de acelerar o processo de colapso de glaciares de maior dimensão assentes no continente. O aumento da instabilidade de várias placas de gelo antárctico e a diminuição acelerada da superfície ocupada pelo gelo flutuante dos Oceanos Ártico fazem antever uma intensificação do processo de aquecimento global relativamente às últimas previsões elaboradas pelo Painel Intergovernamental sobre a Mudança Climática (IPCC), o prémio Nobel da Paz de 2007, com Al Gore.

BACALHAU. A resposta às condições impostas pelo aquecimento global será sobretudo o afastamento das espécies piscícolas de águas mais quentes, e não tanto a sua adaptação. A redistribuição a larga escala da maioria das espécies, incapazes de se adaptarem, será um facto irreversível, prevendo-se que, até 2050, avançarão em média 200 quilómetros, em direcção aos pólos. O novo cenário marinho do futuro não deixará de ficar marcado por invasões e extinções. William Cheung, coordenador do primeiro estudo à escala global sobre o impacto das alterações climáticas na biodiversidade marinha, prevê “enormes mudanças” para 1066 espécies de peixes e invertebrados. Por exemplo, a distribuição de arenque no Atlântico Norte pode registar uma diminuição superior a 20 por cento e a do bacalhau “pode alterar-se em mais de 30 quilómetros por década, resultando numa redução de 50 por cento em algumas populações de bacalhau até 2050”.

AUSTRÁLIA. Por certo que o leitor seguiu a situação dramática produzida pelos fogos nas florestas do sul da Austrália que vitimaram directamente 200 pessoas, destruíram mais de 2000 casas e queimaram mais de 390 mil hectares de floresta. Presumo que a memória dos que tivemos em 2003 e 2005 ainda esteja activa. Na origem desta situação catastrófica está, também, uma intensa onda de calor de longa duração e em nenhum momento a comunicação social e as autoridades australianas colocaram, sequer, a possibilidade de desenvolvimento de uma segunda frente de calamidade, normalmente associada à acção das ondas de calor: o aumento do número de óbitos devidos à exposição ao calor excessivo. Não sei até que ponto as autoridades australianas estarão sensibilizadas e disponíveis para avaliarem esta componente mas, se o vierem a fazer com a metodologia adequada, contribuirão para melhorar o nosso conhecimento sobre os impactos fortíssimos das ondas de calor na saúde, onde quer que tenham lugar.

<http://www.reconquista.pt/noticia.asp?idEdicao=168&id=12159&idSeccao=1685&Action=noticia>